



Fotojornalismo e tecnologia: a produção e o uso da imagem digital¹

Gislaine WINDMOLLER²

Daniele Jaqueline Lopes dos SANTOS³

Marizandra RUTILLI⁴

Patricia Laura KUHN⁵

Felipe Rigon DORNELES⁶

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Ijuí - RS

Resumo

A fotografia jornalística passa por um período de transição, por isso esse trabalho visa identificar as possibilidades dos usos e produção da fotografia no século XXI e mostrar sua importância no jornalismo impresso e online. Através de uma pesquisa histórica sobre a evolução da fotografia e a sua relação com o jornalismo, pretende-se identificar quais são os pré-requisitos de uma boa fotografia tendo como base uma análise sobre o caso do roubo das notas das escolas de samba do Carnaval 2012 de São Paulo.

Palavras-Chave: Comunicação; Fotografia; Tecnologia;

Introdução

A fotografia nunca esteve tão ao alcance de todos. Fotografar se tornou rotina em qualquer circunstância. A maioria dos indivíduos que vivem na sociedade de massa do século XXI possui algum equipamento que possibilite registrar qualquer instante, como aponta Martins:

Nunca se fotografou tanto quanto neste princípio de século XXI. Celulares comuns, smartphones, palmtops, máquinas analógicas e digitais capturam milhões de imagens por minuto em todos os pontos do planeta. Fotografa-se tudo a qualquer momento, em qualquer lugar, sob qualquer pretexto (MARTINS, 2010, p. 16).

Congelar a situação e guardar para sempre em um espaço não visível de um HD, cartão de memória, CD ou pendrive é muito simples e corriqueiro. Diferente dos tempos, quando se contava cada foto tirada para que o antigo filme Kodak não acabasse

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação de Jornalismo da Unijuí, email: gislaine_gisa20miler@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação de Jornalismo da Unijuí, email: dd.danielesantos@hotmail.com

⁴Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação de Jornalismo da Unijuí, email: maryrutilli@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação de Jornalismo da Unijuí, email: patriciaaurakuhn@hotmail.com

⁶Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, da Unijuí, email: felipe.dorneles@unijui.edu.br



antes da finalização de um evento, hoje as fotografias são tiradas ‘infinitamente’. Quando um cartão de memória completa, há aquele susto de impossibilitar o registro, facilmente superado depois de descarregar as fotos em qualquer computador e o prazer de fotografar retornar.

Revolução igual a esta talvez só tenha acontecido na época em que surgiram as primeiras máquinas de bolso, substituindo os enormes e pesados equipamentos de outros tempos. (PIMENTEL apud MARTINS, 2010, p. 17).

A fotografia não é mais a mesma. Os novos equipamentos tecnológicos são ‘multiequipamentos’, além de sua função inicial a maioria vem com uma câmera foto/vídeo, microfone e acesso à internet. O que possibilita compartilhar tudo o que é registrado. A fotografia se torna necessária e comum, o que interfere em outro campo: o jornalismo.

O jornalismo precisa da fotografia, mas quem hoje tem domínio sobre ela? Se todos tem acesso, os jornais deixaram de exigir a fotografia profissional que era extremamente produzida, com todas as qualidades técnicas possíveis, para dar espaço para aquele indivíduo que com sua câmera de celular registrou um acidente. O exemplo aqui é fictício, no entanto os jornais não privilegiam mais a fotografia profissional, ele hoje dá espaço a fotografia inusitada, original e criativa, seja ela tirada com uma câmera top de linha, por um fotógrafo que já realizou milhões de cursos ou tirada por uma câmera VGA de um celular, por ‘Seu João da Padaria’. Estar no lugar certo na hora certa nunca teve tanta importância.

Esse foi o caso do cinegrafista que filmou o momento do roubo nas notas do carnaval de São Paulo, em 21 de fevereiro desse ano. O cinegrafista foi o único que naquele momento estava com sua câmera ligada e registrou o instante do roubo das notas. Entre as dezenas de fotógrafos que acompanhavam o evento, não há nenhum que tenha registrado o momento. A imagem do cinegrafista foi congelada pela Rede Globo de Televisão e usada em seus meios impressos e online e vendida para dezenas de outras mídias.

A fotografia se modificou e junto dela o jornalismo atual. Para uma análise sobre essas mudanças esse trabalho realizará um estudo bibliográfico sobre a história da fotografia e as possibilidades atuais de se obter a imagem. O jornalismo e a sua relação com fotografia também vem à tona e o trabalho busca um estudo sobre o essa relação depois da popularização da fotografia. Ainda uma análise sobre o caso citado traz o espelho sobre a fotografia e o jornalismo no século XXI.

1. Fotografia: história e evolução

Muito mais do que vivenciar as praticidades da fotografia digital é necessário compreender o processo de surgimento e de evolução da técnica fotográfica: as transformações do meio analógico para o digital. A fotografia, em termo bem amplo, significa escrever com a luz.

A fotografia teve origem por volta do ano de 1700 através do princípio da câmara escura - uma caixa com total isolamento da luz, com apenas um orifício num dos lados. Apontada para um lado, a luz era refletida na parede oposta a do orifício. A partir de então vários experimentos foram feitos até a popularização da era dos retratos. Estes popularizados por George Eastman. Em 1886, houve o lançamento da câmera Kodak, com 24 poses que tinha como slogan “Você aperta o botão e a gente faz o resto”. Este era o início, o princípio da fotografia digital, do avanço tecnológico na área.

A fotografia digital foi uma invenção científica que surgiu da necessidade de transmitir as imagens para lugares distantes, de uma forma em que não fosse preciso enviar os negativos ou a foto impressa em papel, como no exemplo KODAK.

A imagem digital é um subproduto da Guerra Fria e da exploração espacial, onde os cientistas tiveram de desenvolver uma maneira de enviar imagens captadas em locais distantes para os centros de pesquisa na Terra. Assim, cada pequeno ponto de imagem (pixel) é transformado em inúmeros e depois em impulsos elétricos transmitidos através do espaço. Esta imagem eram normalmente digitalizada na resolução de 800x800 pixel, totalizando 640.000 elementos individuais de imagens para compor cada foto (IGLESIAS, 2000).

O surgimento das câmeras digitais está diretamente ligado à evolução dos computadores, pois possuem comandos semelhantes. A linguagem dos sistemas e a compatibilidade dos equipamentos da nova fotografia com a informática contribuíram para uma rápida evolução da técnica da fotografia. O termo vem das palavras gregas *photos* que quer dizer luz e *graphis* que se refere a estilo, pincel, ou ainda *graphê*, remetendo a desenhar com a luz. A fotografia é uma técnica de gravação de uma imagem numa camada de material sensível à exposição luminosa, por meios químicos, mecânicos ou digitais.

A nova invenção veio para ficar. Seu consumo crescente e ininterrupto ensejou o gradativo aperfeiçoamento da técnica fotográfica. Essencialmente artesanal a princípio, esta se viu mais e mais



sofisticada à medida que aquele consumo que ocorria particularmente nos grandes centros europeus e nos EUA, justificou inversões significativas de capital em pesquisas e na produção de equipamentos e materiais fotossensíveis. A enorme aceitação que a fotografia teve, notadamente a partir da década de 1860, propiciou o surgimento de verdadeiros impérios industriais comerciais (KOSSOY, 2001, p. 26).

A fotografia surgiu na época da Revolução Industrial no século XIX numa época de grandes transformações políticas e sociais. Assim tornou-se uma fonte de informação e conhecimento. A primeira fotografia foi feita em 1826, por Nicéphore Niépce, uma placa de estanho coberta com um derivado de petróleo chamada de Betume da Judéia. Em 1839, Jacques Daguene desenvolveu um processo usando prata numa placa de cobre denominada dagueneotipo. Ao mesmo tempo Willian Fox Talbot desenvolveu um diferente processo denominado calotipo, usando folhas de papel cobertas com cloreto de prata. O processo mais parecido com os métodos atuais. Dagueneotipo tornou a fotografia mais popular, pois atendia a demanda de retratos exigida pela classe média, durante a Revolução Industrial.

Os processos fotográficos modernos sofreram uma séria de refinamentos e melhoramentos a partir dos estudos de Willian Fox Talbot. A fotografia foi disponibilizada para o mercado em massa em 1901 com a introdução da câmera Bownie-Kodak, em especial com a industrialização da produção e revelação do filme. Além do filme colorido tornar-se padrão, o foco automático, pouco foi alterado desde então.

Surge, então, a fotografia digital que chega para modificar a referência sobre tema e democratizar o acesso à fotografia de uma forma imensurável. O primeiro avanço da era digital surgiu em 1981. Com essa nova fotografia houve gravação digital de imagens, pois sensores eletrônicos ficam cada vez mais sensíveis e adaptados para as produções. A popularização do sistema digital só ocorreu quando as câmeras atingiram parâmetros mínimos de qualidade de imagem por um preço razoável. Já no processo analógico as medidas fotométricas captadas pela lente do dispositivo alteram as propriedades físico-químicas de um material sensível à luz.

Há quem diga que nenhuma câmera é totalmente digital, pois o funcionamento dos sensores continuaria sendo analógica, mas o fato é que desde 1990, praticamente todas as novas câmeras. Sem filme passaram a transformar as imagens em sinais digitais internamente e inauguraram a área que conhecemos com fotografia digital (PREUSS, 2003).



Em 1990 surgiu a câmera digital amadora de Logitech e o primeiro sistema profissional Kodak. Em 1992, o Logitech evoluiu para a Fotoman Plus, com 18 megapixel e a capacidade de tirar fotos coloridas. Logo a fotografia digital deixou de ser uma novidade para se tornar uma ferramenta prática, tanto na área profissional quanto para o consumidor. A fotografia digital, também é embrionária da Guerra Fria, mais especificamente no programa espacial norte-americano, onde as primeiras imagens sem filme registraram a superfície de Marte, capturando por uma câmera de televisão a bordo da sonda. Capturavam imagem por princípios analógicos televisivos.

A fotografia digital traz uma nova ideia de imagem, uma realidade que vai aos poucos perdendo seu poder de cópia do real para ser mais subjetiva, interpretativa, valorizando o discurso de seu próprio autor. A fotografia trouxe consigo a veracidade e seu surgimento contribuiu diretamente para que todos os segmentos artísticos literários e intelectuais passassem por uma profunda reflexão, evidenciando um dado importante que até aquele momento permanecia intacto: a concepção que o homem tinha de si próprio.

1.1 O fácil acesso à fotografia

Com a revolução tecnológica e a facilidade de aparelhos eletrônicos estarem cada vez mais sendo produzidos e criados na dimensão da era digital, é comum, vemos em todos os lugares, pessoas com diferentes celulares, câmeras fotográficas, notebooks, tablets, entre outros aparelhos digitais sendo utilizados vinte e quatro horas por dia. Isso proporciona aos indivíduos formas diferenciadas de comunicação entre as pessoas e facilidade de estar conectado com o mundo tecnológico.

Como afirma Santaella (2007), a facilidade de ter um aparelho com câmera proporciona vários benefícios às pessoas que desejam registrar qualquer momento de sua vida ou um acontecimento que pode ocorrer a qualquer hora, podendo repartir as imagens com outras pessoas.

O tamanho e a leveza das câmeras digitais e dos celulares, sua aderência a uma das concavidades mais táteis do nosso corpo, a palma da mão, a facilidade de sua manipulação, a visualização imediata do recorre da realidade visível capturada pelo clique, a conexão com o computador, a possibilidade de envio para quaisquer pontos do planeta, tudo isso transformou o ato fotográfico em mania e frenesi. Qualquer instante do cotidiano, por mais insignificante que possa parecer, tornou-se fotografável, instaurando o império do aqui e agora (SANTAELLA, 2007, p.394).

Segundo Lúcia Santaella as maneiras de tirar uma fotografia são muitas. Podemos observar que a imagem pode ser feita de várias maneiras e por qualquer pessoa. A autora cita no texto que com o surgimento avançado da tecnologia, as imagens digitais estão dominando o mercado jornalístico e que qualquer pessoa que tenha um celular com câmera na mão pode ser fotógrafo.

Desde o advento da fotografia não cessam de surgir novos dispositivos para a produção da imagem: a cinematografia, a televisão, o vídeo, a holografia, as imagens numéricas produzidas computacionalmente e, hoje, as imagens que venho chamando de voláteis, isto é, imagens digitais proliferantes, quase sempre triviais, que, capturadas por webcams, câmeras digitais e celulares, são teletransportáveis, viajando pelas redes de um ponto qualquer para qualquer outro ponto do globo (SANTAELLA, 2007, p. 353).

A autora entende que as imagens voláteis são as imagens digitais que podem ser tiradas por qualquer pessoa em qualquer momento, podendo ser transportadas para outras pessoas de qualquer lugar do mundo. Para ela, cada imagem é vista de diferentes maneiras e tem variadas distinções:

O olhar que dirigimos a uma paisagem é distinto daquele que dirigimos à pintura de uma paisagem. O olhar que dirigimos a um rosto é distinto daquele que dirigimos à fotografia de um rosto. Mais do que isso, um rosto é semioticamente bem distinto do close cinematográfico de um rosto, que também é distinto do close televisivo de um rosto (SANTAELLA, 2007, p. 356).

A fotografia digital provocou uma ruptura entre os profissionais da imagem dando origem a três categorias de profissionais no mercado de fotografia: a primeira é formada por veteranos fotógrafos, a segunda, por fotógrafos que vêm acompanhando a morte gradativa da fotografia analógica, e a terceira, por fotógrafos mais jovens, que assistem ao nascimento da fotografia digital.

Os fotógrafos mais jovens são os que têm uma câmera digital na mão e registram cada momento das suas vidas. Santaella explica que através das possibilidades dos aparelhos móveis, o mundo deixou de ser um espaço anônimo, pois, até mesmo ao sair para fazer compras em um shopping de uma cidade qualquer, os jovens mandam fotos, das compras que fizeram ou dos lanches que comeram, para outros amigos que podem estar em qualquer lugar do mundo. Por isso, ter uma câmera na mão a qualquer hora e a qualquer instante facilita a vida de quem procura guardar em detalhes os momentos mais marcantes das suas vidas.



No emaranhamento, mobilidade, fluidez, no ir e vir que constitui a carne do mundo urbano contemporâneo, mundo prenhe de presenças fortuitas, encontros acidentais, fugidios, efêmeros, a dispersão das cenas nas suas formas flutuantes de aparição convida tão-só e apenas ao testemunho descompromissado do momento, antes que o instante se apegue para sempre (SANTAELLA, 2007, p. 395).

Tirar fotos em qualquer lugar e a qualquer momento podem trazer benefícios, como flagrantes de acontecimentos que podem interessar ao mundo inteiro. Quantas vezes já houveram compartilhamentos de fatos flagrados em fotos tiradas por qualquer pessoa e que ganharam enorme dimensão das redes sociais? Muitas vezes, essas fotos são proporcionadas pela facilidade que a tecnologia nos oferece. Hoje, qualquer pessoa pode tirar uma fotografia, basta estar com um aparelho que tenha uma câmera embutida e no lugar e momento certo para espalhar ao mundo inteiro o que presenciou e não guardar somente na memória da cabeça, mas sim, na memória do cartão do aparelho fotográfico digital.

2. Fotografia e jornalismo: relações e interfaces

Desde o início do impresso, a fotografia se relacionou com o jornalismo. O texto complementa a foto e foto complementa o texto, isso para um maior entendimento do leitor sobre o fato. Como explica Lima:

Não é possível imaginar a imprensa sem a fotografia. A introdução da fotografia na imprensa foi um fenômeno de importância capital. Ela mudou a visão das massas. Até então o homem comum só visualizava os acontecimentos que ocorriam ao seu lado, na rua, em sua cidade. Com a fotografia, uma janela se abriu para o mundo (LIMA, 1989, p. 9).

A fotografia jornalística é um meio de informação que faz uso da fotografia como um veículo de observação, análise e opinião da realidade. A fotografia jornalística, ou o fotojornalismo, e seu uso retrata a realidade a partir de uma programação tecnológica de uma câmera. O manual da redação da Folha de São Paulo aponta:

Fotografia: Recurso essencial do jornalismo contemporâneo. Uma boa foto pode ser mais expressiva e memorável que uma excelente reportagem. [...] São qualidades essenciais do fotojornalismo o ineditismo, o impacto, a originalidade e a plasticidade (FOLHA, 1992, p. 33).



Os autores relatam essa fotografia como aquela que tem valor jornalístico e que é usada para transmitir informações úteis em conjunto com um texto, seja impresso ou online. Segundo Nelson Martins, o papel do fotojornalista é levar, através das fotografias, os seus leitores para o local do acontecimento de um fato, no exato momento em que ele acontece:

Não há fato que dispense a cobertura fotojornalística. Imagem e texto se complementam no jornalismo moderno: a primeira mais emocional e sintética, atinge logo e diretamente o leitor; o segundo, mais racional e analítico, leva mais tempo para ser assimilado. Mas a contribuição do fotojornalismo vai além da documentação iconográfica. Ele também criou uma linguagem peculiar, com códigos próprios e formas características de trabalhar os elementos da fotografia. Cabe aos fotojornalistas a importante missão de nos levar ao local da ação, no instante exato em que ela acontece (MARTINS, 2010, p.30).

Pensa-se assim que a fotografia jornalística percorre três pontos principais: a emissão (momento em que acontece a fotografia), a circulação (que varia do meio em que foi divulgada até chegar ao espectador) e a recepção (este último, o momento em que o leitor recebe a fotografia). O uso de fotografias na concepção de matérias é um importante meio para compreender determinado fato e para manter o interesse das pessoas no mesmo. O fotojornalismo carrega simbolismo e conota interpretações.

Dentro do campo do fotojornalismo há a ramificação das fotografias de notícias que pode ser entendida como a realização de fotografias informativas, interpretativas ou ilustrativas, ligados à atualidade. Geralmente para esse tipo de foto não há estudo prévio, visto que o fotógrafo não sabe que produto ou que situação encontrará. Para Lima (1998, p.17), “qualquer notícia acompanhada de uma fotografia desperta mais interesse do que outra notícia sem imagem”. A fotografia jornalística aparece na colocação de Lima como um testemunho fiel e transparente do fato. A imagem completa o texto, e vice-versa. Em um ajuste de palavra e imagem, os componentes se unem e trazem maior força para a notícia.

Para Dias (2002, p.385), transmitir informação utilizando caráter estético e também cultural são as funções da fotografia jornalística. Quando se tem uma boa foto, um texto curto já esclarece todo o acontecimento. O fotojornalismo traz aos olhos do leitor para o mundo e então a fotografia se torna um importante recurso para a condução da informação de diversas partes do mundo para um pequeno espaço.

A fotografia jornalística tem que cumprir seu papel e retratar a realidade e ser fiel a ela. É essa a sua função: informar.



2.1 A Fotografia jornalística atual: impressa e online

O avanço das tecnologias modificou a fotografia jornalística. Enquanto no auge do jornal impresso apenas fotografias tiradas por profissionais do ramo, com todos os aspectos técnicos garantindo exuberância, eram publicadas, hoje a situação não é mais a mesma. O inusitado, inesperado, novo tem seu lugar garantido nos jornais impressos e online.

É importante pensar na fotografia nesse caso como uma ferramenta de informação. Com esse ponto de vista pode-se afirmar que a técnica tem uma importância menor ao contrastar com a relevância das informações da imagem. Se o valor é outro, as fotografias publicadas também são, a começar pelo meio em que ela é veiculada. Fotografia remetia ao jornalismo impresso que tratava esse recurso como uma possibilidade de aumentar o entendimento do leitor sobre a notícia ao utilizar um elemento visual. Com as novas tecnologias, a fotografia conquistou espaço em outro meio: o digital.

A internet e sua convergência multimídia possibilitaram levar a notícia com todos os recursos disponíveis. Texto, áudio, vídeo e imagem hoje trabalham em consonância para transmitir informações através dos jornais online. O jornalismo digital tem um diferencial muito grande do impresso por ser ilimitado. O espaço na web é infinito, pois se for necessário não haverá limite para uma galeria de imagens que acompanhará um texto. Essa possibilidade promove um trabalho difícil e cuidadoso de atualização permanente sobre o veículo. A instantaneidade remete a fluxo de notícias e quem estiver mais próximo dela será privilegiado.

A fotografia está no centro dessa velocidade. Uma reportagem jornalística tem métodos e técnicas a serem seguidos que dificilmente um profissional de fora da área conseguiria construir. No entanto a fotografia é básica, basta um clique em uma câmera compacta, um celular, ou outra ferramenta do gênero para que o fato seja registrado.

Nos primórdios da fotografia analógica e do fotojornalismo, contribuições de leitores eram relativamente raras, dada as dimensões dos equipamentos e as dificuldades técnicas envolvidas nos processos de captura de imagens e seu posterior processamento. Elas vão se tornar mais frequentes com a gradativa diminuição do tamanho das câmeras e a crescente difusão da fotografia doméstica (PALACIOS; MUNHOZ, 2007, p. 66).

No jornal impresso antigo havia inserção de fotografia de autoria de pessoas que não eram profissionais, mas os casos eram raros. O digital revolucionou esse aspecto e o



jornalismo abriu espaço para essa fotografia que mesmo amadora traz as informações necessárias que o meio quer passar para o seu leitor, seja no impresso ou no online.

Estar no lugar certo, na hora certa é cada vez mais importante para o fotógrafo. Seja com uma câmera profissional ou através de uma imagem congelada de um vídeo, a fotografia tem valor medido pelo seu conteúdo e não pela sua técnica, como veremos na análise a seguir.

3. Quando a imagem congela: estudo de caso

A evolução da tecnologia facilitou o acesso de todos os indivíduos à fotografia. As novas formas de obter a imagem proporcionam maior cobertura dos meios sobre os acontecimentos da sociedade. Por isso esse trabalho vai analisar um fato inusitado sobre a fotografia digital, no qual uma imagem congelada de um vídeo estampou a capa de um jornal impresso e diversas páginas iniciais de webjornais. A escolha foi feita pela originalidade e a dimensão que o caso teve em todo o país, repercutindo em todas as mídias.

O fato ocorreu em São Paulo, em 21 de fevereiro de 2012. Durante a apuração das notas do Carnaval da cidade, o representante da Império da Casa Verde invadiu o local onde eram lidas as notas, no sambódromo do Anhembi, e rasgou os envelopes antes da divulgação dos pontos do último quesito. A partir desse momento, a apuração foi interrompida. Torcedores na arquibancada começaram a jogar cadeiras perto da grade de proteção, que separava o público dos organizadores. O grupo derrubou as grades e invadiu a área restrita (G1, 2012).

A situação inusitada e polêmica foi publicada em diversos veículos da mídia impressa e online. Portais de notícias como G1, Uol, Folha online, entre outros estamparam em suas páginas iniciais o ocorrido, imediatamente. Apesar do local estar repleto de fotógrafos de inúmeras agências e veículos, nenhum deles conseguiu retratar o momento exato que o representante da Império da Casa Verde invadiu o espaço da apuração e roubou e rasgou as notas. Distraídos com outros fatos importantes, como a reação dos integrantes das Escolas de Samba Mocidade Alegre e Rosas de Ouro que disputavam o primeiro lugar, os fotógrafos estavam no lugar certo, porém com o foco em outros fatores e perderam a fotografia que estamparia no dia seguinte a capa de um dos maiores jornais impressos do Brasil, a Folha de São Paulo.

Um cinegrafista da Rede Globo atento aos fatos e encarregado de registrar o anúncio das notas para a imagem que fica atrás da tabela de pontuação que a emissora



transmitia, foi o único a registrar o momento da invasão do representante da escola de samba. A imagem passou diversas vezes durante a programação da Globo e também da Globo News e ao ser congelada se tornou a fotografia mais veiculada sobre o fato.

A Folha de São Paulo publicou na capa de seu jornal impresso na edição de 22 de fevereiro a ‘fotografia congelada’. O fato de uma imagem de baixa qualidade, nenhuma técnica fotográfica, mas com muita informação e conteúdo se tornar capa de um jornal, em um local em que havia dezenas de fotógrafos, é inusitado. A fotografia ainda estampou a primeira página do Jornal O Diário de São Paulo, bem como o Portal G1 de notícias e o Portal UOL. Uma imagem simples que mostrou todo o conteúdo necessário para a notícia.

Assim é o novo fotojornalismo, com mais conteúdo do que técnica. Ele revela informação em vez de estética. Não importa o fotógrafo, mas o valor da fotografia.

Considerações Finais

Quando o assunto é jornalismo, pensar em texto é pensar em fotografia. Um depende do outro para se completar. Uma realidade que vem desde o início da imprensa escrita. Com a ligação criou-se um vínculo que posteriormente com as evoluções tecnológicas pode ser ampliado a outros formatos como o vídeo e o áudio através da convergência multimídia da internet.

No entanto, atualmente as mais variadas formas de comunicação podem nos proporcionar um espetáculo de informações jornalísticas também com a era digital, utilizando-se das mais variadas formas de apresentação como texto, áudio e imagem. O jornalismo digital está crescendo e se desenvolvendo, e hoje, não é somente o jornalista que pode filmar um vídeo ou tirar uma fotografia, com a revolução tecnológica, todos podem.

Um fato é único e não acontece duas vezes. Qualquer imagem que se tenha do momento é de grande valor, independente de sua qualidade técnica. Atualmente, não se leva tanto em consideração a qualidade da imagem que se tem, mas sim a importância que ela representa para determinado fato.

A fotografia mudou o seu conceito sobre algo técnico e difícil de ser obtido. Hoje qualquer pessoa tem acesso a uma câmera seja compacta, no celular, no computador, ou mesmo uma de vídeo, como o caso do roubo das notas do Carnaval 2012 de São Paulo.



A técnica deixou de ser prioridade para dar espaço para o conteúdo, como explica Sousa:

Por exemplo, uma fotografia será mais relevante se o foto-repórter conseguir surpreender um gesto e uma expressão facial susceptíveis de transmitir as emoções ou as ideias dos sujeitos fotografados, como uma expressão de enfado ou uma de alegria, um gesto de desagrado ou um dedo acusador (SOUSA, 2002, p. 91).

A fotografia jornalística apoia-se no diferencial da informação. Como o trabalho apontou anteriormente uma fotografia congelada hoje pode estampar a capa de uma dos mais renomados jornais impressos do país. É o reflexo da democratização da tecnologia. A sociedade tem acesso e pode contribuir de diversas formas para a melhora na qualidade do jornalismo do século XXI.

O jornalismo é baseado em fatos, que posteriormente se tornam a história. A comunidade está fazendo parte desse processo e está registrando essa memória. É uma revolução jornalística que felizmente os meios reconheceram e agruparam ao seu modo de fazer notícia. Não importa quem registre, nem a forma de fotografar, os meios buscam o conteúdo mais interessante e relevante para a sociedade, mesmo que ele venha das lentes da câmera de um celular. Com base na relação histórica da fotografia com o jornalismo percebe-se que a tecnologia modificou os modos de produção e uso da fotografia, deixando de ser técnica para ser essencialmente informativa e relevante.

Referências Bibliográficas

CASTRO, Sílvio Rogério Rocha de. **A Imagem Fotográfica Jornalística**. Cambiassu - Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. São Luís: UFMA, 2009.

COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte da fotografia à realidade virtual**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

IGLESIAS, Ricardo. **Introdução à Fotografia Digital**. UNICAMP, 2000. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/fotografiadigital/artigo01.htm>. Acesso em 02 de abril de 2012.

LIMA, Ivan. **Fotojornalismo brasileiro: Realidade e Linguagem**. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989.

MARTINS, Nelson. **Fotografia: da analógica à digital**, Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2010.
Novo Manual da Redação. São Paulo: Folha de São Paulo, 1992.



PALACIOS, Marcos. MUNHOZ, Paulo. Fotografia, Blogs e Jornalismo na Internet: Oposições, Apropriações e Simbioses. In: BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital de Terceira Geração**. Covilhã: Labcom, 2007

PREUSS, Julio. Fotografia Digital, 2003

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SÁ, Fabiana Ricoy. Scortegagna, Paulo Ernesto. **História, Gênero e Linguagem do Fotorjornalismo**. Ijuí: Unijuí, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. Fotorjornalismo: **introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

Jornais Pesquisados

DIÁRIO DE SÃO PAULO, Jornal. Edição diária impressa. São Paulo, 22 de fevereiro de 2012.

FOLHA DE SÃO PAULO, Jornal. Edição diária impressa. São Paulo, 22 de fevereiro de 2012.

FOLHA, Online. Edição diária web. www.folha.uol.com.br, 21 de fevereiro de 2012.

G1, O Portal de Notícias da Globo. Edição diária web. g1.globo.com, 22 de fevereiro de 2012.

UOL, Portal de Notícias. Edição diária web. www.uol.com.br, 21 de fevereiro de 2012.